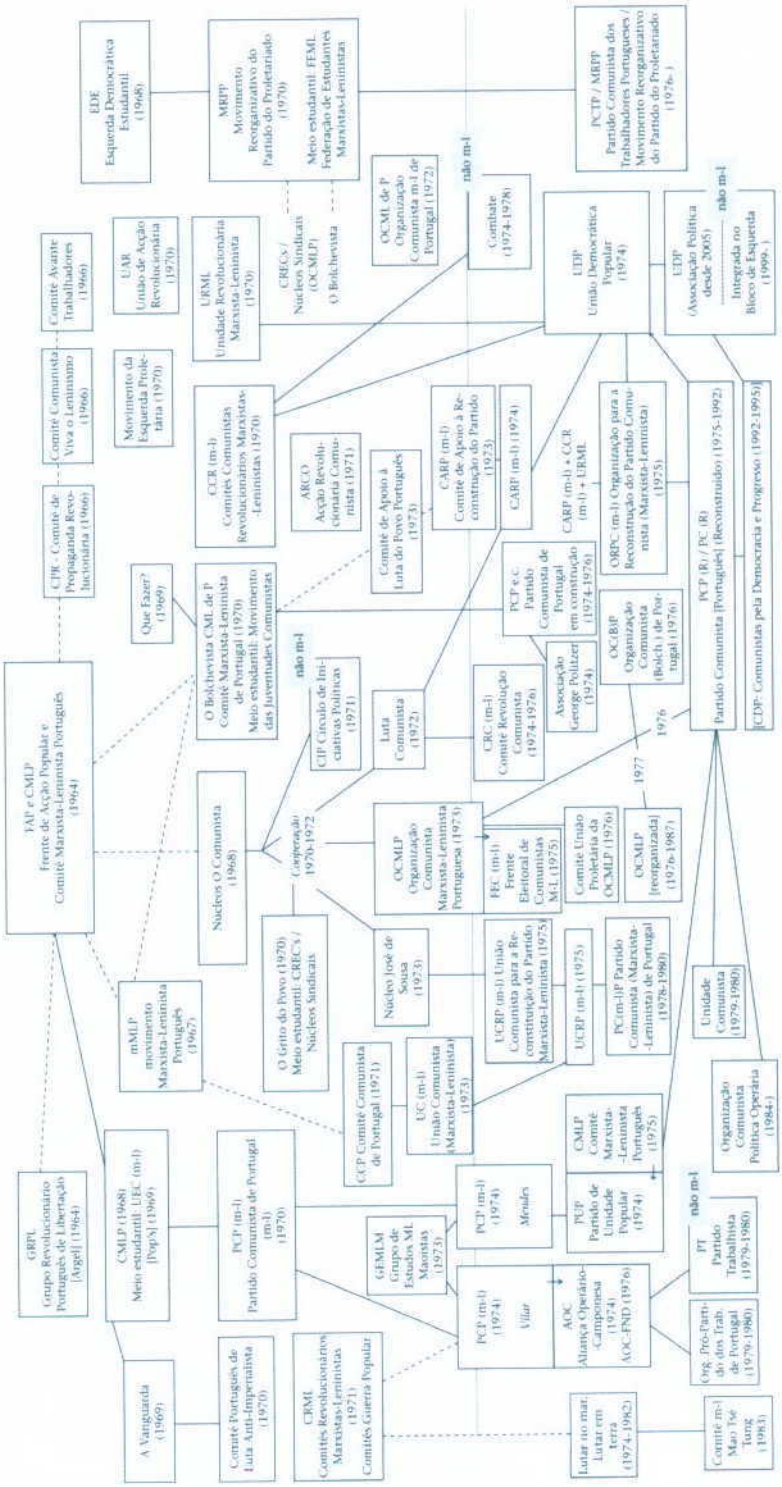
A ESQUERDA RADICAL

DESCUBRA AS DIFERENÇAS (SE PUDER)

Como se relacionavam as organizações maoístas em Portugal antes e depois do 25 de Abril? Assim. Só não vê quem não quer. Miguel Cardina, autor do livro, chama-lhe «cosmos rebelde». Toma.

A afirmação da esquerda radical durante os anos sessenta e setenta fez-se de caminhos de renovação teórica e experimentação geracional fortemente apostados em transformar o existente. Apesar da sua configuração múltipla e por vezes conflitual, este cosmos rebelde teve características comuns, que foram da rejeição das hegemonias bipolares da Guerra Fria à crítica aos modos tradicionais de autoridade; da recusa do imperialismo à sedução por um novo imaginário de combate; da produção e consumo de formas artísticas de matriz contracultural à valorização do papel da juventude como motor da transformação social.

A fecundidade deste movimento não se revelou num momento preciso de ruptura, como sucedeu em 1789 ou em 1917, mas através de um processo continuado que foi modificando substancialmente o campo social e político e as aspirações culturais de sectores significativos da população. [...]

Em Portugal, este pequeno universo em expansão definiu-se, de modo ambivalente, na recusa do Estado Novo e na busca de uma linha de demarcação relativamente ao PCP, ainda que por vezes, nomeadamente no campo maoísta, se tenham adoptado práticas e discursos implícita ou explicitamente oriundos da tradição comunista.

Excerto de *A Esquerda Radical* (Angelus Novus), de Miguel Cardina (n. 1978), investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a concluir um doutoramento sobre o maoísmo em Portugal entre 1964 e 1974.